

**“SOU JUCA DO BASÍLIO, GUARDIÃO DA FERROVIA”: ACERVO PESSOAL, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL**

**“I AM JUCA DO BRASILIO, GUARDIAN OF RAILWAY”: PERSONAL ACQUIS, HERITAGE AND IDENTITY IN THE SOUTH RIO GRANDE DO SUL**

Maira Eveline Schmitz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho procura analisar a construção de uma memória relativa à ferrovia na região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a partir do arquivo pessoal e das ações individuais de José Eugênio Antunes Peres, mais conhecido como Juca do Basílio. Este senhor é morador da cidade de Pedro Osório, a qual surgiu e teve seu ápice econômico ligado à estação ferroviária e seu entorno, decaindo justamente com a extinção da passagem dos trens. Conhecido por seu hábito de estudar, pesquisar, colecionar e divulgar materiais e informações sobre a rede férrea, Juca é dono de um grande acervo e suas exposições de fotografias buscam retratar a história do trem e chamar a atenção para o passado da região onde vive, legitimando-o e lhe dando uma versão. Nesta direção, baseando-se na metodologia da História Oral, este trabalho busca compreender os motivos que levaram Juca a constituir seu acervo pessoal e de que forma, através de suas ações de valorização da história, o patrimônio urbano é apropriado e ressignificado, delineando as tensões entre o passado e o presente. Acredita-se que ao selecionar símbolos específicos para justificar um passado ferroviário da cidade, interesses individuais acabam auxiliando a construção de uma identidade, a partir da memória, que se objetiva coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ferrovia; Memória; Patrimônio

**ABSTRACT:** This paper analyzes the construction of a railroad memory in the southern region of Rio Grande do Sul, Brazil, based on the personal archive and individual actions of José Eugênio Antunes Peres, better known as Juca do Basílio. This gentleman is a resident of the city of Pedro Osorio, which arose and had its economic peak connected to the railway station and its surroundings, decaying precisely with the passing of the trains. Known for his habit of studying, researching, collecting and disseminating materials and information about the rail network, Juca owns a large collection and his photo exhibitions seek to portray the history of the train and draw attention to the past of the region where he lives, legitimizing it and giving it a version. In this direction, based on the methodology of Oral History, this paper seeks to understand the reasons that led Juca to constitute his personal collection and how, through his actions of valorization of history, the urban heritage is appropriated and resignified, outlining the tensions between past and present. It is believed that by selecting specific symbols to justify the city's railroad past, individual interests end up helping to construct an identity, based on memory, which is collectively objective.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: maira.schmitz@gmail.com

**KEY WORDS:** Railroad; Memory; Heritage

## **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, a que alguns convêm denominar pós-modernidade, tem-se focalizado o caráter subjetivo e fragmentário de todo conhecimento, buscando explicitar métodos, conceitos e contextos. A verdade – objetivo maior de outrora, agora algo que se esvai, fugaz – localiza-se no horizonte ideal da produção do conhecimento, sem nunca, entretanto, ser alcançada. Reflexo e reflexão das características do próprio presente, temas como a memória, a identidade e o patrimônio começam a ser (re)discutidos, lançando luz sobre novas problemáticas, novos atores sociais e inúmeros interesses e políticas que os permeiam.

O presente trabalho, nesta perspectiva, está centrado na figura de José Eugênio Antunes Peres, mais conhecido como Juca do Basílio, morador de Pedro Osório, no sul do Rio Grande do Sul. Popular na cidade por seu hábito de estudar, pesquisar, colecionar e divulgar materiais e informações sobre a rede férrea, Juca é dono de um grande acervo e suas exposições, geralmente de fotografias, buscam retratar a história do trem e chamar a atenção para o passado da região onde vive.

Uma vez que a análise focalizará a memória, a presença e a visão de uma pessoa específica, a metodologia utilizada será a História Oral, a qual “é uma ciência e arte do indivíduo” (PORTELLI, 1997, p.15). Juca do Basílio pode ser considerado um indivíduo extraordinário ou incomparável, parafraseando Alessandro Portelli, sendo assim mais representativo. A escolha por seu relato se justifica ao se considerar que “um contador de histórias criativo ou um brilhante artista da palavra constituem fonte de conhecimento tão rica quanto qualquer conjunto de estatísticas” (PORTELLI, 1997, p.17).

A História Oral, consensualmente, é tida como uma metodologia, uma perspectiva de ver o saber histórico e uma técnica de elaboração de fontes. Ao se dirigir geralmente à casa do entrevistado – munido de gravador, caderno de campo, roteiro, carta de cessão e todo seu aparato acadêmico – o pesquisador oral leva também um poder de transformar aquela entrevista em vestígio do passado. Vestígio a ser analisado, interpretado, tornado História.

Essa constituição/criação de fontes, no entanto, não se dá de forma linear, programada; nasce da tensão e do diálogo de duas vozes, de dois diferentes *lócus* do pensar e do viver. Para Alessandro Portelli, o caráter dialógico da História Oral, bem como seu trabalho de campo, implica que

A fim de sermos totalmente diferentes, precisamos ser verdadeiramente iguais e não conseguiremos ser verdadeiramente iguais se não formos totalmente diferentes. (...) O trabalho de campo é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença. É preciso “que sempre exista uma linha” de diferenças que, depois de transposta, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma “linha”, segundo a qual possamos comunicar o desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comuns, que possibilitem a troca (PORTELLI, 1997, p. 19).

As diferenças entre entrevistador e entrevistado não devem ser mascaradas, mas utilizadas como o próprio vértice da troca. “Devemos deitar por terra a diferença, encará-la menos como uma distorção da comunicação do que como a própria base desta” (PORTELLI, 1997, p.20). Isto significa não o ignorar das diferenças, mas a superação destas a fim de se constituir um diálogo que parta e se ancore nos dois pólos da tensão, ultrapassando-os. Como afirma Jöel Candau (2010, p.55), lembrando Edgar Morin, ultrapassar não é nem esquecer, nem destruir; ultrapassar é integrar sem se submeter.

A constituição da entrevista em fonte histórica é somente o primeiro passo do trabalho, embora seja certamente o mais tocante, ao implicar diretamente o diálogo e a troca. O segundo momento, de igual importância, mas com um caráter – atreve-se a dizer – um tanto mais angustiante é o que Portelli denomina a “busca do significado”. Para o autor,

Nosso problema não se limita a aliar nosso compromisso como historiadores à objetividade daquilo “que realmente aconteceu” nem à nossa consciência pós-moderna de que, na realidade, jamais chegaremos realmente a descobri-lo. Também estamos cientes, a esta altura, de que muito aconteceu na mente das pessoas, em termos de sentimentos, emoções, crenças, interpretações – e, por esse motivo, até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade (PORTELLI, 1997, p. 25).

Esta etapa, da interpretação da narrativa, implica uma ética necessária ao historiador, tanto em relação com o narrador, quanto para o saber acadêmico. A História Oral faz repensar a busca por uma objetividade científica, ou a mera desconstrução dos discursos, a qual os desvincula de seu papel social. A análise e a interpretação que se darão à narrativa de Juca, neste sentido, seguem a direção da compreensão da lógica interna de seu discurso, sem intentar desconstruir ou julgar se este é pertinente, ou correto. Afinal, “a História Oral não

mais trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo” (PORTELLI, 1997, p. 26).

A partir do arquivo pessoal e das ações de Juca, neste sentido, pretende-se analisar a construção de uma identidade urbana relativa à ferrovia. Busca-se uma compreensão dos motivos que levaram Juca a constituir seu acervo e de que forma, através de seus esforços de valorização da história, o patrimônio urbano é apropriado e ressignificado, delineando as tensões entre o passado e o presente. Acredita-se que ao selecionar símbolos específicos para justificar um passado ferroviário da cidade, interesses individuais acabam auxiliando a construção de uma identidade, a partir da memória, que se objetiva coletiva.

## **A MEMÓRIA INDIVIDUAL, A NARRATIVA E A CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE**

O tema da identidade vem sendo muito discutido no âmbito da teoria social, conforme aponta Stuart Hall (2005, p.7). Basicamente, acredita-se que as velhas identidades – nacionais – que por tanto tempo estabilizavam o mundo social estão em declínio, fragmentando o sujeito moderno, até então visto como unificado, ao gerar novas identidades. Este fenômeno, ao qual se deu o título de “crise de identidade”, é visto como parte de um processo maior de transformação que desloca as estruturas das sociedades modernas e abala os quadros de referência que garantiam aos indivíduos uma posição estável no mundo. Esta “crise de identidade” pode ser definida, então, como um duplo deslocamento, uma “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2005, p. 9).

Da mesma forma, o conceito e o fenômeno da memória é objeto de atenção e, invariavelmente, possui relação com a identidade. Para Michael Pollack,

*Memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (...) A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros (...) Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (POLLACK, 1992, p. 204).*

Memória e identidade são, nesta direção, dois termos que se relacionam e agem no sentido de dar significação e coesão às pessoas e grupos, frente a si e para os outros. Memória implica sempre a alteridade, a imagem a ser construída e simbolizada. Em sua relação com o(s) outro(s), a memória contempla a construção das identidades, misturando a lembrança e o esquecimento.

Jöel Candau (2010, p. 45) discute essa “crise de identidade” e a memorialização e patrimonialização crescentes das sociedades atuais. Apresenta o fato de que, por um lado, muitos pesquisadores localizam o desejo de memória no medo do vazio de sentidos que caracteriza a sociedade; já por outro – mas na mesma direção –, alguns consideram que, por ser uma época marcada pelo individualismo, os dispositivos memoriais precisam ser multiplicados, a fim de se manter o sentimento de compartilhamento e de um laço social possível. O autor, então, vai além dessas considerações, afirmando que ambas as teses são explicações triviais e que na realidade acabam servindo para a maior parte dos fenômenos sociais contemporâneos. Apresenta, assim, outra forma de encarar a questão:

Me parece que uma razão maior dessa religião memorial e patrimonial é raramente colocada em primeiro lugar: trata-se da proeminência do essencialismo psicológico – ou, se assim se deseja, da psicologia essencialista – que está no coração das representações de senso comum da identidade, tanto em suas formas individuais quanto coletivas (CANDAU, 2010, p. 45)

Com esta afirmação, Candau pretende demonstrar que – sem negar o consenso entre os pesquisadores de diversas áreas de que a identidade é uma construção social, acontecendo sempre em um quadro de relação dialógica com o Outro – na prática do cotidiano, a identidade dos seres, inclusive em grupos, continua a ser representada em termos essencialistas, embora não possa nunca ser desvinculada de suas heranças culturais, sociais, ou de outras naturezas. Considerar em uma identidade somente seu caráter coletivo e sua evidência na alteridade remete a uma “tendência a esquecer e fazer esquecer que a desconstrução de uma representação no mundo acadêmico, não muda, em geral, grande coisa de sua força no mundo real” (CANDAU, 2010, p.45). É partindo, portanto, desta noção, que se dá análise da memória e da identidade na narrativa de Juca.

Ao ser questionado sobre as motivações iniciais de seu interesse pela ferrovia, Juca logo remete à sua infância e ao contato diário com os trens:

Não, nunca tive nenhum parente meu da ferrovia. É que eu nasci na beira da linha! Eu nasci na estação de Basílio ali, bem depois de... do parque de manobra. E minha mãe tinha dois cestos com alimento que vendia na estação e tinha um restaurante também. Os ferroviários almoçavam e jantavam ali né. Além disso, tinha em Basílio um hotel da estação, um hotel do lado da estação... e minha mãe sempre envolvida com o trem né, pastel, laranja, bergamota, merengue. E eu me criei... naquela emoção: os ferroviários jantavam e almoçavam na casa da minha mãe! Então essa convivência despertou o meu interesse...

Juca, para afirmar uma identificação individual com a ferrovia, recorre já ao seu nascimento, indicando que entende que seu interesse não é totalmente voluntário e desprendido. Foi, também, determinado por forças que não pode controlar, neste caso, o fato de nascer e crescer “na beira da linha”. A relação da mãe com o ambiente material da estação e do entorno e com os ferroviários se transforma em algo mágico, emocionante. A memória, neste momento, adquire um sentido nostálgico, remetendo a algo que automaticamente se justifica ser preservado.

A figura do trabalhador da ferrovia, juntamente com as próprias locomotivas, é central no discurso. O fato dos ferroviários serem os detentores do conhecimento para o manejo do trem, lhes garante um *status* de modelo de conduta e de forma de viver:

Então eu ia ali na estação roubar banana do vagão, achava aquilo emocionante sabe, então aquilo me... me despertou a atenção na locomotiva né. Ai querendo estudar o trem e a locomotiva, tudo, sabe que eu cheguei à conclusão, foi o mais belo transporte que houve conhecimento no planeta, foi o trem. A partir do trem que o meio de transportes se desenvolveu, porque o ferroviário que aplicava ao longo da ferrovia, maquinistas e foguistas, eram pessoas muito humildes, de poucos estudos, até nem ler e escrever e mesmo assim era tão inteligente que dominava aquele colosso a vapor sabe, depois já passaram pras máquinas a diesel já.

O ferroviário, mesmo não alfabetizado ou escolarizado, foi o responsável pelo desenvolvimento dos transportes, uma vez que dominava os trens e se adaptava facilmente às mudanças dos modelos de locomotivas. Na memória verbalizada de Juca, essa descrição dos ferroviários segue novamente suas lembranças da infância – o roubar banana do vagão – onde, provavelmente, a imagem grandiosa do trem, comparada a uma criança, realçava o poder de quem a conseguia dominar.

Neste ponto, pode-se retomar a ideia da identidade como principalmente essencialista de Candau. Para o autor, o que torna possível esse raciocínio essencialista é, evidente, a memória: “esse sentimento de essência – de uma identidade – que perdura para além das trajetórias individuais e do destino dos povos, não chega à consciência clara, no essencial, que

graças à nossa faculdade de lembrar daquilo que fomos” (CANDAU, 2010, p.46). Considerando a entrevista oral, Alessandro Portelli aponta também para essa questão:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões de passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (...) Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas (PORTELLI, 1997, p. 16).

Ainda que Juca tenha vivido em um ambiente extremamente ferroviário – tanto cultural, social, quanto na própria materialidade da paisagem – e que provavelmente muitas pessoas compartilhem de uma memória ligada à ferrovia em sua cidade, suas lembranças são individuais, interferindo na forma como significa e narra a identidade. Estas lembranças, entretanto, são catalisadas a partir de signos específicos, os quais são recorrentemente evocados em sua narrativa. Um deles é a própria estação, ponto de chegada e partida de tudo que se relacionava com a ferrovia.

Mas dos trens do passado só ficou na saudade né. Em Pedro Osório, na estação de Pedro Osório, girava por dia, girava na estação de Pedro Osório, vai dizer que é mentira minha, mil pessoas tinham, diariamente... giravam em função do trem. Era passageiro chegando, era gente indo, era voltando, aqui tinha “fábrica” de tudo aqui, o pessoal vinha no trem de passageiro ou de carga, chegava aqui, eles... dormiam, outro assumisse e ia pra rio grande e depois era vice-e-versa.

A estação significava o movimento, a circulação de pessoas e mercadorias. A partir dela o desenvolvimento da cidade ganhava força. Mais do que isso, na narrativa de Juca a cidade adquire vida, em contraposição ao mesmo local atualmente. Percebe-se na repetição – “**em** Pedro Osório”, “na estação **de** Pedro Osório” – uma entonação de surpreendimento e uma forma de tentar convencer de que isto um dia teria sido possível. O fato de os “trens do passado” terem ficado “na saudade” dá indícios de que, na realidade, ficaram também na memória de Juca, implicando o modo como hoje ele se relaciona com o espaço da cidade.

Outro signo ao qual o entrevistado se remeteu durante vários momentos foi a imagem do trem, principalmente da maria fumaça. Pode-se considerar, até mesmo, que a locomotiva é o foco de seu interesse e das histórias que conta. Isto indica que a memória possui um caráter que não é somente localizado geograficamente na região onde Juca vive, mas se expande para todo e qualquer lugar onde o trem tenha cruzado.

Então nesse sentido, eu... eu gosto de trem. Eu gosto mais da Maria fumaça, a máquina a vapor né, essa me emociona mais. Porque a Maria fumaça, ela era uma locomotiva assim, ela era apaixonante, que ela era sofrida, aquela fumaça, aquela força, aquele trabalho que ela tinha, porque hoje tem o computador...

O narrador ressalta o aspecto sofrido da ferrovia, trabalhoso e difícil. Por outro viés, valoriza seu lado mais humano; aquele que exigia a presença do homem, relacionava-se com ele diretamente e até mesmo lhe tomava emprestado um nome, materializando-se na “Maria fumaça”. Após a entrevista ter sido encerrada “oficialmente”, Juca retoma o tema da maria fumaça, comentando e sugerindo o passeio realizado na cidade de Bento Gonçalves, na serra gaúcha:

Tu ver a chegada do trem na estação como é bonito, como é bonito o trem chegando na estação. Batendo aquele sininho que tem, apitando, a fumaça saindo, tu vai viajando no trem e eles apitam, na curva entra a fumaça pra dentro do trem, sente o carvão assim, a fumaça né. O cheiro de fumaça... Ah, que... “isso é um cheiro ruim”! Não, não é cheiro ruim! É um outro cheiro que não tem na cidade! A cidade tem cheiro de monóxido de carbono, ali dos carros, das motos coriando...

A locomotiva a vapor desperta a emoção de Juca, seu narrar fica mais emotivo, ritmado. O relato de um passeio turístico claramente se transforma em recordação do vivido. A memória dos sons, do olfato, o transportam de volta para a estação do Basílio, evidenciando as diferenças e tensões em relação à cidade de hoje, onde os cheiros e os barulhos pertencem à outra realidade. O som do trem é lembrado novamente no trecho que segue ao anterior:

E quando o trem apita aqui em Pedro Osório assim, eu chego a tremer de noite assim, me dá recordação sabe, eu morava defronte ao trem, defronte à ferrovia... eu via o trem chegar, eu via o trem sair... e tudo isso me traz recordações né, de infância. Minha infância foi pobre, mas foi bonita, foi bonita assim, foi colorida, foi linda. E tudo isso hoje me motiva a gostar de trem.

Incontestavelmente, a lembrança do trem e sua presença ainda hoje evocam em Juca um sentimento de identidade – ainda que seja difícil medir sentimentos a partir de relatos –, justificando para ele o porquê de seu interesse. À infância se somam recordações da juventude, quando “andava de trem, gostava de trem, namorava no trem, tinha paixão por ver as namoradinha, época de colégio, por exemplo, as aulas começavam... ficava no Basílio lá na gare da estação esperando”. Estas lembranças Juca transpõe ainda para o coletivo – “e aquela curiosidade de ver quem ia subir no trem né, e o trem ia cheio de gente, quantos namoros,

quantos casamentos aconteceram na gare da estação ou na plataforma de um trem” – retratando que o sua forma de cotidiano era partilhada pelo resto da população.

Um tema em que ao tratar Juca claramente se emocionou e entristeceu foi o relativo à desativação do transporte de passageiros e das estações:

Não, foi assim, foi aos poucos... em 57 passou pra rede federal... passou pra rede ferroviária, nesse tempo mais ou menos... depois, quando o governo assumiu todas as ferrovias brasileiras, fizeram o chamado enxugamento, estação que era deficitária o trem não para mais . Primeiro ele deixou assim: o trem vai vir aqui só um dia por semana. Depois ele vai vim de 15 em 15 dias, depois ele para. E as pessoas que tavam no trem, esperando trem hoje, vive do trem, ele não imagina, ele não sabia naquela época. Se o trem passava todos os dias, de repente passou de ser um dia sim e um dia não, quando vê já mudou, passou a ser por semana, depois por quinzena, e se deu conta que aos pouquinhos o governo federal foi tirando o trem das pessoas, ao longo dali. Foi o ponto que ficou sem... sem... (tristeza) sem transporte. Ai ele abandonou o campo, e ai veio o êxodo rural.

Observa-se como a ferrovia paulatinamente foi deixando de fazer parte do cotidiano da cidade e da vida de Juca. O entrevistado remete ao governo federal, proprietário das linhas naquele momento, o fim do transporte ferroviário. Este não era simplesmente um serviço: o fato de o governo poder “tirar o trem das pessoas” indica que houve uma apropriação por parte destas – ele lhes pertencia. O êxodo rural aparece, assim, como demonstrativo da mudança – neste sentido, parece ser para pior – que ocorreu com o fim da ferrovia.

As tensões entre o passado e o presente, entre a antiga rede férrea e a atual são presentes no discurso de Juca. Acredita-se, aqui, que seja no cerne desta tensão que se originou e se mantém seu acervo de materiais relativos à ferrovia. A constituição do arquivo pessoal de Juca e as ações de divulgação do material muito dizem sobre como sua memória se manifesta, como se relaciona com o patrimônio material urbano e com a construção de uma identidade ferroviária.

## **A RELAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE COM O PATRIMÔNIO MATERIAL URBANO**

A “crise de identidade” da sociedade atual, citada anteriormente, faz-se acompanhar não só de uma exacerbação das memórias, mas de uma necessidade de localizar as lembranças em signos concretos, visíveis, que comprovem e atestem sua existência. Há, além de uma memorialização, uma patrimonialização que cresce cada vez mais. Esse “desejo do

patrimônio” se relaciona diretamente com a memória e seu caráter essencialista, pois, a patrimonialização e a tomada de valor do patrimônio podem ser consideradas, de acordo com Candau, “como narrativas de si, narrativas que inscrevem o objeto patrimonial em uma tradição ou, melhor ainda, que ‘tradicionalizam’ esse objeto e que, em primeiro lugar, são destinados a assegurar em sua essência, a sociedade que é o autor” (2010, p.48). Neste sentido, desempenham função fundamental na autenticação das narrativas coletivas de um passado compartilhado.

O acervo de Juca e sua preocupação com os símbolos da ferrovia podem ser considerados uma forma de autenticação de uma narrativa. A memória e a identidade dele e de tantas outras pessoas se materializam e solidificam nas suas fotografias, recortes de jornal, artefatos, livros colecionados e nas exposições que faz. Observa-se que a preocupação em “patrimonializar” este material remete a um passado compartilhado, relativo ao auge da história da ferrovia e, principalmente, à sua desativação.

Mas eu também sou culpado disso também. Eu vi isso aqui e nunca dei bola. No tempo lá, 79, 80, tavam no desmonte da ferrovia, eu morava em Caxias, e eu tinha meus pais moravam em Basílio, eu vinha de Caxias pra Basílio e eu via aquele desmonte da ferrovia lá, arrancando trilho, levando os vagões, um sino, uns bancos, e nunca... nem me interessei por aquilo ali. Hoje eu vejo, eu deixei levar a história.

A motivação de Juca em “guardar e mostrar um pouquinho da história” se relaciona, em muito, ao fato de ter vivido passivamente o momento da desativação das linhas de passageiros e das estações. A ação patrimonial parece iniciar no momento em que percebe que os signos que conformavam e estabilizavam sua forma de viver, pensar e se sentir no mundo – sua identidade – não mais estavam presentes na realidade empírica, demonstrando que as identidades e as memórias modificam com o tempo.

O narrador afirma que seu interesse por “juntar coisas” e o começo de seu acervo se deu nos anos de 1990. Desde então tem comprado livros, procurado por fotografias e informações, trocado materiais com outros pesquisadores – acadêmicos ou apaixonados pelo trem. Percebe-se que é um homem que lê muito e que busca informações sobre as redes férreas em todos os meios, o que lhe auxilia a formular uma visão sobre todo o processo da história da ferrovia. Além das exposições que realizou, o narrador comenta sobre a ideia de compilar seu saber:

Depois, em 1999, eu resolvi fazer um livro sobre ferrovia, né. Aquele livro eu não terminei ainda, mas to montado o livro ainda faz bastante anos né. Mas eu imagino que esse interesse veio por eu ver na frente da minha casa aquele progresso... pulsante né, de ferrovia, de trem, de assistência e socorro de locomotivas, aquela mudança que houve da maria fumaça, que é a máquina vapor, pra diesel, pra diesel hidráulica. Aquilo me emocionava muito ver os trem passar.

O livro, no discurso analisado, é mais do que um vetor de transmissão de informações. As leituras aparecem como a base da narrativa, uma vez que as experiências e memórias pessoais são sempre intercaladas com dados mais abrangentes, de fatos, datas e números em variados espaços geográficos e temporais que dificilmente teriam feito parte do cotidiano de Juca no ambiente ferroviário. Esta constatação traz dois direcionamentos interpretativos: o entrevistado poderia estar tentando se autorizar a falar do assunto, frente à “pesquisadora da universidade”, ou estas informações já foram de tal modo apropriadas que passaram a fazer parte de sua memória, como uma espécie de herança social. É o que Pollack denomina uma memória por tabela, onde o indivíduo ou grupo se apropria de acontecimentos que não viveu e que não necessariamente tenham ocorrido em seu espaço-tempo social, o que possibilita “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLACK, 1992, p.201).

Neste ponto, é interessante evocar o conceito de “metamemória”, apresentado também por Jöel Candau (2010, p.49-50). Para introduzir sua discussão, o autor alerta primeiramente para o fato de que a memória coletiva – cunhada por Halbwachs – é objeto de uma tripla confusão, raramente evidenciada nas Ciências Humanas e Sociais: a primeira delas consiste em confundir as lembranças memorizadas e aquelas manifestadas; a segunda é a indução da existência de uma memória compartilhada através da constatação de atos memoriais coletivos; e a terceira e última consiste na tendência de confundir a afirmação da existência de uma memória coletiva com o fato da existência em si mesma. Nesta perspectiva,

A metamemória é uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva. Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. (CANDAU, 2010, p.51)

Considerar uma metamemória na narrativa de Juca vai além do verbalizado, mas implica a forma como o discurso é proferido e, além disso, como o conteúdo é mentalizado

por ele – aspecto esse sempre inalcançável. A memória enunciada é trabalhada socialmente, problematizada, vinculada a interesses identitários.

A patrimonialização é uma forma, segundo autor, pela qual se dá a ver o discurso da metamemória. Por um lado, é um forte indicador da relação que alguns membros de determinado grupo tem com a representação que eles acreditam ter da memória desse mesmo grupo. Por outro, o discurso tem efeito performativo sobre a memória, pois ao ser retomado por outros membros, pode os reunir em um sentimento de que a memória coletiva existe e, nesse mesmo movimento, dar um fundamento relativo a esse sentimento (CANDAU, 2010, p.51-52). O caso de Juca pode ser interpretado à luz dessa noção: o acervo pessoal simboliza a relação que o indivíduo possui com uma memória ferroviária que se julga compartilhada por outras pessoas, mas também ajuda a consolidar a ideia desta memória, ao dar-lhe autentificação com a sua existência, juntamente com as exposições e narrativas.

A metamemória faz parte de um conjunto de processos que Candau (2010, p.49) denomina de vetores do tropismo patrimonial, dos quais também se destacam os sociotransmissores. Estes significam, de forma sucinta, a multiplicidade de quadros sociais – termo baseado na ideia de Halbwachs (2004), quadros sociais dos quais os homens se servem para fixar e reencontrar lembranças, a fim de permitir a construção de novas – e os objetos de transmissão que eles trazem. Os sociotransmissores seriam todas as coisas que compõem o mundo e permitem estabelecer uma cadeia causal-cognitiva entre pelo menos dois indivíduos. São os objetos tangíveis ou intangíveis, os acontecimentos, os símbolos, os signos.

Ao ser questionado sobre a desativação do trem e sobre o descaso da população relativo aos elementos materiais da paisagem ferroviária urbana – e também da área rural – alguns sociotransmissores começam a ser destacados na narrativa de Juca, principalmente da sensibilidade patrimonial. O primeiro deles é o símbolo maior da memória ferroviária: a própria imagem do trem.

Aquilo ali é uma coisa mais assim mecânica né, ao passo que a máquina a vapor, a Maria fumaça, a lenha, que isola o carvão como fonte de energia, essa ai era uma máquina sofrida, carinhosa, chorona, e vai, vai, vai, vai, aqui tá ruim, aqui tá bom, aqui tá bom... Então, aquilo ali eu acho muito bonito, aquilo ali da Maria fumaça, que não existe mais hoje. Os pedaços de trem hoje, repousam hoje nos depósitos do Brasil, apodrecida, virando até ferro de construção, vão vendendo elas pras siderúrgicas né, ninguém mais ouve falar da locomotiva da maria fumaça, mas é a mais bonita, é a que eu gosto mais né.

Novamente a figura da maria fumaça é ressaltada como ícone de uma história grandiosa. O ritmo de seu contar lembra o som do trabalho da locomotiva nos trilhos, criando uma imagem de movimento, de barulho, de vida, em contraposição à ideia das carcaças em desuso. Os pedaços dos trens são vendidos, transformados em material para construção de objetos e coisas modernas; a história da ferrovia, assim, é esquecida e substituída por outra, mas ao mesmo tempo, é material dessas novas histórias – o trem foi o precursor da modernidade. Observa-se a tensão que se dá entre o passado e o presente, que é a própria base para a afirmação da memória e das identidades.

Ao falar das mudanças que ocorreram com o fim da passagem dos trens, Juca coloca em seu discurso a imagem da paisagem ferroviária no distrito do Basílio:

E hoje tu olha no campo ao longo da ferrovia, é um abandono, uma tristeza, se vê prédios abandonados como se fossem presépios abandonados, solitários ali, no meio das árvores, no meio do mato, (...) do lado daquele prédio que um dia teve vida, um dia foi pulsante né.

A oposição entre vida e abandono não diz respeito somente aos trens, que pararam de circular, mas também aos prédios ferroviários que, mesmo visíveis, parecem não existir. A vida, o movimento, foi transformada em um “presépio”, o que traz a ideia de exibição – de algo montado –, mas de contornos tristes, solitários, que somente o olhar atento consegue visualizar em sua grandiosidade. A ideia de presépio é retomada em outro trecho:

Eu digo do Basílio, Cerro Chato, Herval, tu olha assim e vê que aquilo ali já teve vida, teve gente, passou gente, passou políticos, governadores, prefeitos, tudo viajando de trem. Foram os pontos de parada ali, Pedro Osório, por exemplo, aqui, teve já nessa estação, ali teve encontros históricos importantes, na estação ferroviária, com o Zeca Neto, o Joca Tavares, Princesa Isabel, o próprio Assis Brasil, tudo pessoas políticas influentes, Getúlio Vargas, que passaram por aquela gare dali. Fizeram ponto de parada ali. Então são monumentos, são o que eu digo, presépios abandonados, porque não tem mais entorno deles o que tinha né.

O presépio, ao se pensar na ideia, é exatamente isto: figuras estáticas, símbolos de uma história, mas que não possuem mais a vida, só remetem ao que já passou. Os elementos do presépio ferroviário na região de Pedro Osório para Juca, assim, são monumentos – mas monumentos sem seu “entorno”, o qual seriam as próprias pessoas que ali circulavam, os acontecimentos importantes, a movimentação, que faziam destes locais parte da vida da cidade. É interessante apontar a menção a políticos e “heróis” nacionais. Exaltação de sua

passagem atesta a importância e a força que Juca considera que a ferrovia dava a estes locais e cidades, em contraste com a atual situação da região.

Falando de sua preocupação com estes espaços, ele afirma:

Eu acho... as pessoas lá na vila me acham que meio idiota assim né, eu sou “o Juca, o guardião da ferrovia”. Eu cuido os prédios do Basílio, eu incomodo o prefeito pra não deixar cair a janela...

Se todos estes prédios estão abandonados, transformando-se em “presépios”, o trabalho de Juca é uma tentativa de resguardar pelo menos a sua materialidade, mantendo a vivacidade da paisagem na memória e no seu narrar. Nem toda a população partilha do seu cuidado, mas o reconhecem como alguém que executa o trabalho de preservação do patrimônio ferroviário. Juca não ignora o descaso da maioria das pessoas, o que acaba o motivando ainda mais:

Então eu acho que o importante é a gente poder assim transmitir as pessoas o conhecimento daquilo que nós convivemos no passado. Não que eu viva de passado, não! A modernidade é obrigatória, ela tem que vir. O trem que eu viajei, que eu gosto de estudar e de pesquisar jamais vai vir. E se vem aí para trabalhar não funciona.

Juca quer passar para as pessoas – principalmente para “os moços e as moças”, como afirma – que não valorizam, ou nem conhecem esta história, todo o seu conhecimento. E ele se autoriza a falar porque viveu, porque esteve presente: “Eu lembro do trem, eu vi as coisas acontecer lá, os ferroviários, eu vi eles lá trabalhando”.

O narrador reconhece que este processo, que mexe com sua memória, lhe traz recordações, é algo que já passou. Afirma que não pode colocar o passado no futuro, que não se pode competir com o presente, como por exemplo, em questões de necessidade econômica. Quando interrogado sobre sua opinião da demolição de um antigo hotel situado em frente à estação de Pedro Osório, conta que conversou com o dono – “mas tás derrubando um pedacinho da história de Pedro Osório!” – e afirma: “e tá derrubando, é a necessidade, o mundo moderno, vai fazer o que né”.

No momento em que a materialidade relativa à ferrovia na região, com poucas exceções, encontra-se em um estado de degradação e abandono, Juca transfere para suas fotografias, seus recortes e seu livros a função do patrimônio. Ao comentar que, há algum

tempo, excluiu sem intenção muitas fotos que estavam armazenadas em seu computador, percebe-se que a perda do acervo é como perder novamente a ferrovia.

Perdi foto que tu nem sabe... gente que não vai me dar mais... com certeza não... mas to recuperando, to pedindo de volta, pedindo de novo né. Pra tu ver eu tinha fotos aqui da Cooperativa dos ferroviários, de Pedro Osório aqui, ali, tá meio caída agora ali né. Pra ter uma noção aquela cooperativa ali, a cooperativa dos ferroviários de Pedro Osório não era só aqui, era todo o Brasil, era a maior rede de cooperativa de consumo da América Latina, era fantástica a cooperativa... Eu tinha fotos, na época inclusive mulas, com carrocinha, com o “salário” do rancho ali em cima e levando na casa dos ferroviários, eu tinha essas fotos. Mas perdi, não tenho mais (tristeza). Mas to iniciando de novo...

A cooperativa, da qual o prédio em Pedro Osório encontra-se praticamente destruído em sua totalidade, readquiriria por meio das fotos de Juca sua integridade e vida de outrora. O entrevistado fala das imagens das fotografias como se narrasse o próprio cotidiano acontecido da cidade; é como se ao olhar para elas, o passado ganhasse movimento. Ao perder as fotografias, então, as possíveis recordações destes acontecimentos em momentos futuros se esvaem. Juca busca preservar e guardar informações para que não se perca, além da ferrovia, a sua memória e história.

Pode-se dizer que Juca partilha a ideia do arqueólogo Oliveira Jorge (2007, p.125), quando este afirma que o patrimônio é um projeto, uma construção para o futuro, implicando uma inextricável articulação de herança e construção:

Então o que eu posso assim mostrar pras pessoas hoje o que foi ontem, porque se não mostrar hoje, amanhã ninguém vai saber. Imagina, se uma coisa bonita como um acervo, tu não expor e não mostrar, não adianta! Se tu guardar escondido num baú velho ali, e não mostrar pras pessoas de hoje, de nada adianta! Porque tu vai virar traça também, tu vai-te embora, vai-te embora desse meio, do mundo, muda de andar. E aquilo fica ali e ninguém viu, ninguém sabe.

O passado, assim, só adquire função ao ser conhecido no presente, para garantir a sua memória no depois. De acordo com Jorge, o patrimônio sempre tem a ver com identidade e memória e “sem memória não há pessoa, não há projecto, não há sentido de comunidade – só máquinas delirantes e egoístas, monstros em que tememos transformar-nos. Por isso quem nos fala em patrimônio alerta-nos para essa incomodidade” (Jorge, 2007, p.20). Nesta direção, pode-se dizer que Juca alerta para a questão e age no sentido de “desincomodar” e desacomodar. Ele alerta para a fugacidade da vida do indivíduo, enquanto que a memória, o

passado e as identidades têm o poder de se manter ao longo do tempo; só adquirem esse poder, no entanto, a partir da ação dos homens no sentido de os preservar.

## CONSIDERAÇÕES

A partir destas considerações se pode observar, assim, que Juca é um indivíduo representativo da relação que o local onde vive possui com a história e a memória da ferrovia. Representativo, entretanto, não por agregar em si características comuns às outras pessoas, mas justamente por ser singular. Ao evidenciar sua diferença, consegue-se inferir as tensões e contrastes que esta suscita.

A narrativa contém o discurso sobre uma memória que é profundamente individual, construída por uma percepção dos eventos e uma busca pelo saber que são pessoais, mas que se embasam e relacionam com uma memória compartilhada, só existindo e sendo verbalizada em função desta. Mais do que verbalizada, neste caso, ela é materializada em seu grande acervo de fotografias, recortes, livros e artefatos. Este acervo, em uma cidade onde os antigos espaços da ferrovia encontram-se degradado e esquecidos, além de autenticar a existência de uma memória e de um passado, acaba adquirindo uma função patrimonial, onde a história e essa mesma memória são resguardados.

É interessante observar que as exposições que realiza em sua cidade e nas localidades vizinhas são visitadas geralmente por quem já vive em espaços profundamente marcados pela materialidade do passado ferroviário. O interesse e motivação de mostrar seu acervo, dessa forma, consistem em um tentar fazer com que se lance um olhar mais direcionado, mais problematizado, para símbolos e signos que já são conhecidos e partilhados pelas pessoas. Nesta direção, como já apontado ao longo da análise, a figura de Juca auxilia a consolidação da memória em dois sentidos: para si - ao ter sua relação com ela simbolizada no acervo pessoal - e para os outros, ao divulgar o material, atestando a existência de algo que é compartilhado e que motiva seu interesse.

Dessa forma, ao defender a memória e ao patrimonializá-la, pode-se considerar que Juca auxilia a construção de uma identidade ferroviária em sua cidade. Observe-se bem: ele auxilia, não a inventa. Por mais que a memória e a identidade sejam sentidas e vividas individualmente - “na essência” - elas só existem e possuem sentido por serem um constructo

social, simbólico, partilhado por um grupo. É o fato de a identidade ser compartilhada, em algum grau, mesmo que nem sempre evidenciada ou defendida, que permite a Juca elaborar uma narrativa tão coesa e consistente sobre si: ele o faz analisando seu passado, mas em relação aos outros que também o viveram e ao espaço onde a trama se desenrolou.

### **Fonte analisada**

José Eugênio Antunes Peres – entrevista. Pedro Osório, 11 de julho de 2011.

### **Referências Bibliográficas**

CANDAU, Jöel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade In: **Memória em Rede**. Pelotas, vol.1, n.1, dez.2009/mar.2010, p.43-58.

HALLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, Património e Cultura**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2007.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-215.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**, nº15, São Paulo, PUC, 1997. p.13-50.